



O BRINCAR COM OS CONTOS DE FADAS NA INFÂNCIA

Bárbara do Carmo Noviski Gonçalves¹
Sara Scheidt Soriano²

Resumo: *Ao longo deste trabalho serão percorridos conceitos sobre as práticas lúdicas das crianças em relação à literatura dos contos de fadas. Tem como objetivo geral apresentar considerações psicanalíticas sobre o brincar. Através da metodologia da pesquisa bibliográfica, verificou-se a potencialidade do brincar na infância e à imprescindibilidade do psicanalista, da clínica com crianças, em rever seus pressupostos teóricos e práticos.*

Palavras-chave: Psicanálise. Contos de Fadas. Infância.

Introdução

A atividade criativa, presente no brincar, chama atenção dos psicanalistas, desde Freud (1920), por considerar este ato como uma ferramenta que permite a criança organizar e criar um mundo para si mesma.

Para a psicanálise, a criança diferente do adulto, é um sujeito em constituição. Entretanto, poderia a literatura dos contos de fadas ser uma ferramenta de trabalho aos psicanalistas que se ocupam do que ainda não se constituiu?

Na sua abrangência de conceitos, a psicanálise fomenta discussões sobre a literatura dos contos de fadas, os considerando como um brincar, pois tal literatura possui a criança como alvo, como ouvinte.

Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar considerações psicanalíticas sobre o brincar. Como objetivos específicos: elencar as origens dos contos de fadas e inferir a necessidade do psicanalista repensar nos fundamentos teóricos e práticos da escuta.

Metodologia

A fim de alcançar o objetivo utilizamos a metodologia da pesquisa bibliográfica. As leituras foram organizadas em forma de Ficha de Citações, uma proposta de Antonio Carlos Gil (2002), onde as citações são transcritas de forma integral para as fichas.

O uso desta ferramenta permite “[...] identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles [...]” (LIMA, MIOTO, 2007, p.45).

Resultados/Resultados parciais e discussão

¹ Psicomotricidade, Pós-graduação, Uniandrade, bnoviski@hotmail.com

² Docente no Curso de Bacharelado em Psicologia, Faculdade Sant’Ana, sarasoriano@ymail.com

Torna-se importante destacar a questão do ato de narrar, como uma ação antecedente à escrita. Originada nas rodas ao redor do fogo, as rodas de narrativa são consideradas uma prática social de transmissão das memórias de uma comunidade. Por sua vez, os contos de fadas, possuem suas origens no Oriente Médio e Índia, aproximadamente no século V a.C.,. Inicialmente as histórias eram violentas e cruéis, sofreram sucessivas adaptações, até o marco da Idade Média. Resultados que vemos nas obras dos Grimm e de Perrault (BREDAN, 2012).

Considerar o conto de fadas como um brinquedo, torna esta literatura como um objeto que, abre espaço para os fenômenos transicionais, os quais afirmam sua imagem, sua borda corporal, sem o outro estar presente. Assim pode-se dizer que a criança “[...] cria o brinquedo e é criada pelo brinquedo” (LEVIN, 2007, p.56).

Freud (1920, p.175) inclui ainda mais, que há uma passagem da passividade à atividade no brincar

Vê-se que as crianças repetem, brincando, o que lhes produziu uma forte impressão na vida, que nisso reagem e diminuem a intensidade da impressão e tornam-se, por assim dizer, donos da situação.

Tendo em vista que o espaço da clínica oferta um ambiente suficientemente bom, tendo o analista como uma figura suficiente maleável, como diz Golse (2003, p.74), cabe ao analista, ser coadjuvante da criança, ao ajuda-la a situar-se na “perspectiva com sua biografia e com aquela de seu grupo familiar, social e cultural”.

Considerações finais

O percurso deste estudo suscitou discussões sobre a infância e enseja aos profissionais da clínica com crianças que revisitem os fundamentos éticos e teóricos da psicanálise. Em meio às novas especificidades clínicas, ocupar-se do sujeito “em constituição”, é estar entrosado na trama da infância, e convocar as crianças na via da enunciação, a brincar.

Referências

BREDAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 208p.

FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio do prazer. In:____ (Org.). **Obras completas, volume 14**: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.161-239.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLSE, Bernard. **Sobre a psicoterapia pais-bebê**: narratividade, filiação e transmissão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 165p.

LEVIN, Esteban. **Rumo a uma infância virtual?**: a imagem corporal sem corpo. Petrópolis: Vozes, 2007. 174p

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa

bibliográfica. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v.10, 2007. pp.37-45. Disponível em:
<<https://goo.gl/4gUU8F>>. Acesso em 16 Abr 2017.